

FRANZ KAFKA

Punições



cavalo de ferro

A SENTENÇA

Uma história para F.

Era uma manhã de domingo, na mais bela Primavera. Georg Bendemann, um jovem comerciante, estava sentado no seu quarto particular no primeiro andar de uma das casas baixas, de construção ligeira, que se estendiam numa longa fila ao longo do rio e quase só se distinguiam pela altura e pela pintura. Tinha acabado, mesmo agora, de escrever uma carta a um amigo de juventude que se encontrava no estrangeiro. Fechou-a com uma lentidão brincalhona e depois, com o cotovelo apoiado na secretária, olhou pela janela para o rio, a ponte e as colinas na outra margem com o seu verde-pálido.

Meditou sobre esse amigo, descontente com o seu progresso na terra natal, que se havia, já há anos, literalmente escapulido para a Rússia. Agora, geria um negócio em São Petersburgo, que de início tinha corrido muito bem, mas que, há muito tempo, parecia ter fraquejado, conforme o amigo se queixava nas suas cartas, que se iam tornando cada vez mais raras. Portanto, fartava-se de trabalhar sem proveito no estrangeiro, e a sua invulgar barba cerrada só dificilmente lhe escondia o rosto, bem conhecido desde a infância, cuja tez amarela parecia indiciar uma doença que se ia desenvolvendo. Como ele contava, não tinha propriamente contacto com a colónia local dos seus compatriotas, mas também não tinha quase nenhum relacionamento social

com famílias autóctones e, por conseguinte, encaminhava-se para uma perpétua vida de solteiro.

Que se havia de escrever a um homem assim, que manifestamente se equivocara, de quem se podia ter pena, mas a quem não se podia ajudar? Havia, talvez, que o aconselhar a voltar para casa, a transferir para aqui a sua existência, a retomar todas as antigas relações de amizade — ao que até nada obstava — e, quanto ao resto, confiar na ajuda dos amigos? Mas isso não significava outra coisa senão dizer-lhe, na mesma ocasião, e quanto mais cautelosamente, tanto mais o ofendendo, que as suas tentativas até à data haviam fracassado e que ele devia, finalmente, pô-las de parte, que tinha de regressar e deixar, como alguém retornado para sempre, que todos o olhassem, pasmados e arregalando os olhos, que só os seus amigos entendiam alguma coisa e que ele era uma criança grande que tinha, simplesmente, de seguir os amigos bem-sucedidos que haviam ficado na terra natal. E, então, ainda haveria a certeza de que todo o sofrimento que se lhe tinha de infligir teria alguma utilidade? Talvez nem sequer se conseguisse chegar a trazê-lo para a sua terra — ele próprio até dizia que já não entendia a situação no país natal — e, assim sendo, ele permaneceria, apesar de tudo, no seu estrangeiro, aborrecido com os conselhos e ainda um bocado mais alheado dos amigos. Mas se realmente ele seguisse o conselho e fosse aqui desencorajado — não intencionalmente, com certeza, mas pelos factos —, se não se conseguisse orientar nem com os seus amigos, nem sem eles, se se sentisse envergonhado, acabando por ficar realmente sem terra natal e sem amigos, não seria, então, muito melhor para ele permanecer no estrangeiro tal como estava? Podia-se então, em semelhantes circunstâncias, pensar que ele seria capaz de efectivamente progredir aqui?

Era por esses motivos que não se podia, caso ainda se quisesse ao menos manter a ligação epistolar, comunicar

propriamente com ele, como se faria sem receio mesmo com um conhecido dos mais distantes. Havia, agora, já mais de três anos que o amigo não vinha ao país natal e justificava isso, muito deficientemente, com a incerteza da situação política na Rússia, que não permitia, por conseguinte, nem sequer a mais breve ausência de um pequeno homem de negócios, ao passo que centenas de milhares de russos viajavam tranquilamente pelo mundo fora. No decurso desses três anos, porém, muita coisa tinha mudado justamente para Georg. Do falecimento da mãe de Georg, que tinha ocorrido havia uns dois anos e, desde o qual, este vivia com o seu velho pai, ainda o amigo tinha realmente chegado a saber. E exprimira as suas condolências numa carta com uma segurança que só se podia explicar pelo facto de, no estrangeiro, o pesar por um tal acontecimento se tornar completamente inconcebível. Ora, desde esse tempo, Georg abordara o seu negócio com maior determinação, como, de resto, tudo o mais. Talvez o pai, enquanto a mãe era viva, o tivesse impedido de ter uma verdadeira actividade própria, por querer que no negócio só vigorasse a sua opinião; talvez, depois da morte da mãe, o pai, embora continuasse a trabalhar na firma, se tivesse tornado mais contido; talvez felizes aca-sos desempenhassem — o que até era muito provável — um papel muito mais importante; em todo o caso, porém, o negócio tinha-se, naqueles dois anos, desenvolvido de um modo completamente inesperado: tinha sido necessário duplicar o pessoal, o volume de negócios tinha-se multiplicado por cinco e sem dúvida que estavam iminentes mais progressos.

O amigo, porém, não tinha a menor ideia dessa alteração. Anteriormente, talvez pela última vez nessa carta de condolências, tinha tentado convencer Georg a emigrar para a Rússia, alargando-se sobre as perspectivas que existiam em São Petersburgo precisamente para o ramo de negócio de Georg.

Os números eram ínfimos em comparação com o volume de negócio que Georg tinha alcançado agora. Mas Georg não tivera vontade de escrever ao amigo acerca dos seus sucessos comerciais, e, se o tivesse feito posteriormente, isso teria provocado, certamente, uma estranha impressão.

Assim, Georg limitou-se a escrever sempre ao amigo acerca de acontecimentos insignificantes, tal como estes se acumulam desordenadamente na memória, quando alguém medita num domingo tranquilo. Não queria mais nada senão deixar intacta a imagem da cidade natal que o amigo, naquele longo intervalo, tinha sem dúvida criado para si e à qual se tinha acomodado. Aconteceu, assim, que Georg comunicasse ao amigo, em três cartas bastante distanciadas umas das outras, o noivado de um indivíduo sem importância com uma rapariga igualmente sem importância, até que o amigo, muito contra a intenção de Georg, começou efectivamente a interessar-se por essa curiosidade.

Mas Georg preferia de longe escrever-lhe sobre coisas semelhantes a confessar-lhe que ele próprio tinha, havia um mês, ficado noivo da Menina Frieda Brandenfeld, uma moça de família abastada. Muitas vezes falava com a sua noiva acerca desse amigo e da peculiar relação de correspondência que com ele mantinha.

— Portanto, ele não virá de maneira nenhuma ao nosso casamento — dizia ela — e, no entanto, eu tenho o direito de conhecer todos os teus amigos.

— Não o quero incomodar — respondia Georg —, entende-me bem, é provável que ele viesse, pelo menos eu acredito que sim, mas sentir-se-ia coagido e prejudicado, talvez me invejasse, e ficaria com certeza descontente e, incapaz de jamais ultrapassar esse descontentamento, voltaria outra vez para lá sozinho. Sozinho... Sabes o que isso é?

— Sim, mas então ele não pode vir a saber do nosso casamento de outra maneira?

– Pois isso não posso eu impedir, mas, dado o seu estilo de vida, é improvável.

– Se tens amigos desses, Georg, não devias sequer ter ficado noivo.

– Sim, isso é culpa de nós os dois; mas eu, mesmo agora, não queria que fosse de outra maneira.

Mas quando ela, depois, com a respiração acelerada pelos seus beijos, ainda argumentou: «A bem dizer, isso não deixa de me melindrar», ele considerou realmente como isento de perigo comunicar tudo ao amigo por escrito.

«Eu sou assim e é assim que ele tem de me aceitar», disse para consigo, «não posso talhar a partir de mim uma pessoa que seria, talvez, mais adequada à amizade com ele do que eu sou.»

E, efectivamente, comunicou ao seu amigo, na longa carta que lhe escreveu nessa manhã de domingo, o bem-sucedido noivado com as seguintes palavras: «A melhor novidade guardei-a eu até ao final. Fiquei noivo de uma certa Menina Frieda Brandenfeld, uma rapariga de família abastada que só fixou residência aqui muito depois da tua partida e que, portanto, tu dificilmente poderias conhecer. Ainda hei-de arranjar oportunidade para te dar mais pormenores acerca da minha noiva; por hoje, bastar-te-á saber que sou muito feliz e que, nas nossas relações mútuas, só mudou alguma coisa na medida em que, agora, tens em mim, em vez de um amigo perfeitamente vulgar, um amigo feliz. Além disso, passas a ter, na pessoa da minha noiva, que te manda cordiais saudações e te escreverá ela própria em breve, uma amiga sincera, o que, para um solteiro, não é completamente destituído de importância. Sei que muita coisa te impede de nos fazeres uma visita, mas não seria precisamente a minha boda a ocasião apropriada para um dia atirares todos os impedimentos para trás das costas? Mas, seja lá como for, não te

prendas com cerimónias e age unicamente conforme bem te parecer.»

Com essa carta na mão, ficara Georg muito tempo sentado à sua secretária, com o rosto voltado para a janela. A um conhecido, que o cumprimentara ao passar na rua, mal respondera com um sorriso ausente.

Por fim, meteu a carta no bolso e saiu do seu quarto, atravessando um pequeno corredor para o quarto de seu pai, onde não entrava há meses. Também não havia, de resto, necessidade de o fazer, pois estava permanentemente em contacto com o seu pai na firma, almoçavam ao mesmo tempo num restaurante; à noite, é verdade que cada um cuidava de si como lhe apetecia, mas depois, na maior parte das vezes, se Georg não estivesse na companhia de amigos, como era mais frequente, ou, agora, se não fosse visitar a sua noiva, ainda ficavam sentados um bocadinho, cada um com o seu jornal, na sala de estar comum.

Georg admirou-se de o quarto do pai estar tão escuro, mesmo naquela manhã soalheira. Era, pois, o muro alto, que se erguia do outro lado do estreito pátio, que projectava tamanha sombra. O pai estava sentado ao pé da janela, a um canto ornamentado com diversas recordações da falecida mãe, e lia o jornal, que ele mantinha enviesado diante dos olhos, procurando assim compensar uma qualquer fraqueza da vista. Em cima da mesa estavam os restos do pequeno-almoço, no qual parecia mal ter tocado.

– Ah! Georg! – disse o pai, vindo logo ao encontro dele. O seu pesado roupão abriu-se ao andar, com as abas esvoaçando à sua volta.

«O meu pai continua a ser um gigante», disse Georg para consigo.

– Aqui está mesmo insuportavelmente escuro – disse ele depois.

– Sim, lá escuro está – respondeu o pai.

– Também fechaste a janela?

– Prefiro assim.

– É que está mesmo bastante calor lá fora – disse Georg, como que na sequência do antecedente, e sentou-se.

O pai arrumou a loiça do pequeno-almoço e colocou-a numa caixa.

– Só te queria realmente dizer – prosseguiu Georg, que seguia os movimentos do velho completamente absorto – que agora, afinal, anunciei o meu noivado lá para São Petersburgo. – Puxou a carta um pouco para fora da algibeira e deixou-a cair lá para dentro outra vez.

– Para São Petersburgo? – perguntou o pai.

– Pois, ao meu amigo – disse Georg, procurando os olhos do pai. «Na firma, ele é mesmo completamente diferente», pensou, «do que é aqui, repimpado e com os braços cruzados sobre o peito.»

– Sim. Ao teu amigo – disse o pai com ênfase.

– Tu bem sabes, pai, que a princípio eu lhe queria esconder o meu noivado. Por consideração, e por nenhum outro motivo. Tu próprio sabes que ele é uma pessoa difícil. Dizia eu para comigo que ele bem poderia vir a saber do meu noivado por outra fonte, embora, dado o seu modo de vida solitário, isso fosse muito pouco provável, eu não posso impedir isso, mas por mim é que ele não deveria mesmo vir a sabê-lo.

– E, agora, voltaste a reflectir sobre o assunto de outra maneira? – perguntou o pai. Colocou o grande jornal sobre o parapeito da janela e, em cima do jornal, os óculos, que tapou com a mão.

– Sim, agora tornei a reflectir sobre o assunto. Se ele é meu bom amigo, disse a mim próprio, então o meu feliz noivado também é uma felicidade para ele. E, por isso, já não hesitei em lho anunciar. No entanto, antes de pôr a carta no correio, quis dizer-to.

– Georg – disse o pai, abrindo a boca desdentada –, ouve lá! Vieste ter comigo por causa desse assunto para te aconselhares comigo. Isso honra-te sem dúvida. Mas não é nada, é pior do que nada, se agora não me disseres toda a verdade. Não quero remexer em coisas que não tenham que ver com isto. Desde a morte da nossa querida mãe, aconteceram certas coisas desagradáveis. Talvez também chegue o tempo destas e talvez chegue mais cedo do que nós pensamos. No negócio, há muita coisa que me escapa, talvez não me seja ocultada –; não quero, agora, fazer a presunção de que me seja ocultada –, eu já não estou com o vigor suficiente, a minha memória diminui, já não tenho visão para todos aqueles muitos assuntos. Isso é, em primeiro lugar, o percurso da Natureza e, em segundo lugar, a morte da nossa mãezinha deitou-me muito mais abaixo a mim do que a ti... Mas, como estamos precisamente à volta desse assunto, dessa carta, peço-te, Georg, que não me enganes. É uma ninharia, não vale um bafo, por isso não me enganes. Tens, realmente, esse amigo em São Petersburgo?

Georg levantou-se, embaraçado.

– Deixemos estar os meus amigos. Mil amigos não substituem o meu pai. Sabes o que eu acho? Tu não te poupas o suficiente. Mas a idade reclama os seus direitos. És-me indispensável na firma, até sabes isso muito bem, mas se a firma ameaçar a tua saúde, eu fecho-a para sempre já amanhã. Assim não pode ser. Tens de adoptar outro estilo de vida. Mas de raiz. Estás sentado aqui, no escuro, e na sala de estar terias uma bela luz. Debicas o pequeno-almoço, em vez de te fortaleceres como deve ser. Estás aqui com a janela fechada, e o ar fazia-te tanto bem! Não, meu pai! Vou chamar o médico e vamos seguir as suas prescrições. Vamos trocar os quartos, tu vais mudar-te para o quarto da frente e eu para aqui. Não será uma alteração para ti, tudo virá para aqui contigo. Mas há tempo para tudo isso. Agora, deita-te

mais um bocadinho na cama, precisas absolutamente de descanso. Anda, vou ajudar-te a despir. Verás que sou capaz de o fazer. Ou queres ir já para o quarto da frente? E, então, deitas-te provisoriamente na minha cama. Isso seria, aliás, muito sensato.

Georg estava mesmo ao lado do pai, que deixara descair a cabeça, com os cabelos brancos desgrenhados, sobre o peito.

– Georg – disse o pai em voz baixa, sem se mover.

Georg ajoelhou-se imediatamente ao lado do pai. Viu, no rosto cansado do pai, as pupilas enormes, no canto dos olhos, dirigidas para si.

– Não tens nenhum amigo em São Petersburgo. Foste sempre um brincalhão e, mesmo comigo, não te coibiste. Pois como haverias tu de ter um amigo justamente lá?! Não posso acreditar nisso de maneira nenhuma.

– Pensa lá bem, pai, mais uma vez! – disse Georg; levantou o pai da poltrona e, como este estava ali muito fraco, despiu-lhe o roupão. – Agora, vai fazer em breve três anos que o meu amigo até esteve de visita em nossa casa. Ainda me lembro de que não gostaste especialmente dele. Pelo menos por duas vezes neguei perante ti a sua presença, embora ele estivesse precisamente sentado no meu quarto. Eu até conseguia perceber muito bem a tua antipatia por ele, o meu amigo tem as suas peculiaridades. Mas, depois, ainda assim, voltaste a conversar muito bem com ele. Até fiquei, nessa altura, tão orgulhoso por tu o escutares, lhe dizeres que sim com a cabeça e lhe fazeres perguntas. Se reflectires, hás-de te recordar. Ele contou, então, histórias incríveis da Revolução Russa. Como, por exemplo, quando fez uma viagem de negócios a Kiev, por ocasião de um tumulto, e viu um sacerdote, numa varanda, retalhar na palma da mão uma grande cruz de sangue, erguer essa mão e apelar à multidão. Tu próprio até voltaste a contar essa história aqui e ali.

Entretanto, Georg tinha conseguido sentar outra vez o pai e retirar-lhe cuidadosamente as calças de malha que ele trazia por cima das cuecas de linho, bem como as peúgas. À vista daquela roupa interior não especialmente limpa, repreendeu-se a si próprio por ter negligenciado o pai. Também seria com certeza seu dever velar pela mudança de roupa do seu pai. Ainda não tinha falado expressamente com a sua noiva sobre como iriam organizar o futuro do pai, pois tinham pressuposto, tacitamente, que o pai permaneceria sozinho na antiga habitação. No entanto, decidiu-se agora, rapidamente e com toda a determinação, a levar o pai consigo para o seu futuro lar. Até já quase parecia, vendo com mais atenção, que os cuidados que lá seriam prestados ao pai poderiam chegar demasiado tarde.

Nos seus braços, levou o pai para a cama. Teve um sentimento horrível quando se apercebeu, enquanto dava aqueles poucos passos em direcção à cama, de que o pai estava a brincar com a corrente do relógio que ele tinha ao peito. Não pôde deitá-lo logo na cama, tão firmemente ele se agarrava a essa corrente de relógio.

Mas assim que ficou deitado na cama, tudo pareceu estar bem. Ele próprio se tapou e, depois, ainda puxou a coberta muito para cima dos ombros. Não se mostrou mal-encarado, quando levantou os olhos para Georg.

– Não é verdade que já te lembras dele? – perguntou Georg, e acenou-lhe com a cabeça a encorajá-lo.

– Estou bem tapado, agora? – perguntou o pai, como se não pudesse verificar se tinha os pés devidamente tapados.

– Então, sentes-te bem na cama – disse Georg, ajeitando melhor a roupa da cama em volta dele.

– Estou bem tapado? – perguntou o pai mais uma vez, parecendo ficar especialmente atento à resposta.

– Fica tranquilo que estás bem tapado.

– Não! – gritou o pai de tal modo que a resposta esbarrou na pergunta, repeliu a coberta com uma força tal que, por um momento, esta se desdobrou por completo no ar, e pôs-se de pé na cama. Apoiou ao de leve só uma mão no tecto. – Querias tapar-me, isso sei eu, meu tratante, mas tapado é que eu ainda não estou. E mesmo que sejam as minhas derradeiras forças, são suficientes para ti, demasiadas para ti. Bem conheço o teu amigo. Ele seria um filho como eu gosto. Foi por isso, aliás, que tu o enganaste durante todos estes anos. Senão, porque haveria de ser? Crês que não chorei por ele? É por isso que tu te fechas no teu escritório, ninguém te deve incomodar, o chefe está ocupado... só para que possas escrever as tuas falsas cartinhas para a Rússia. Mas, felizmente, ninguém precisa de ensinar um pai a conhecer o seu filho. Como, agora, julgaste que o tinhas subjugado, subjugado de tal maneira que te podias sentar com o teu traseiro em cima dele e que ele não se mexeria, então o Senhor Meu Filho decidiu casar-se!

Georg ergueu os olhos para a visão aterrorizadora do pai. O amigo de São Petersburgo, que o pai, de repente, conhecia tão bem, comoveu-o como nunca. Era perdido na vasta Rússia que ele o via. Era à porta da loja vazia, saqueada, que ele o via. Entre os destroços das prateleiras, entre as mercadorias despedaçadas, entre os tubos de gás a cair, é que ele ainda se encontrava. Porque tivera ele de se ir embora para tão longe!

– Mas olha para mim! – gritou o pai, e Georg, quase distraído, correu para a cama, para se inteirar de tudo, mas parou bruscamente a meio do caminho.

– Porque ela levantou as saias – começou o pai a flautear –, porque ela levantou as saias assim, essa parva insuportável – e, para o demonstrar, levantou tanto a camisa que se viu, na sua coxa, a cicatriz que lhe ficara dos seus anos de guerra –, porque ela levantou as saias assim e assim

e assim, tu fizeste-te a ela e, para que te pudesses satisfazer com ela sem ser incomodado, profanaste as recordações da nossa mãe, traíste o teu amigo e meteste o teu pai na cama, para que não se pudesse mexer. Mas ele pode mexer-se ou não pode?

E ei-lo completamente solto e a mexer as pernas. Estava radiante de resolução.

Georg estava a um canto, o mais longe possível do pai. Há muito tempo que tinha decidido firmemente observar tudo com pleno rigor, para que não pudesse ser surpreendido de alguma maneira indirecta pelas costas ou de cima para baixo. Agora, recordou-se outra vez da decisão há muito esquecida e esqueceu-a de novo como quem passa uma linha curta pelo buraco de uma agulha.

– Mas o teu amigo, afinal, não foi nada traído! – exclamou o pai, e o seu indicador a mover-se para um lado e para o outro reforçava isso. – Eu era o seu representante aqui no sítio.

– Comediante! – não pôde Georg deixar de lhe chamar, mas reconheceu logo o erro e, só que tarde demais, mordeu a língua, com os olhos fitos, que até se dobrou com a dor.

– Sim, com certeza que representei uma comédia! Comédia! Boa palavra, essa! Que outra consolação restava ao velho pai viúvo? Diz lá, e, no momento da resposta, sê ainda o meu filho vivo!, que me restava, no meu quarto das traseiras, perseguido por um pessoal infiel, velho até aos ossos? E o meu filho andava num regozijo pelo mundo fora, fechava contratos que eu tinha preparado, rebojava-se de prazer e afastava-se do seu pai com o rosto fechado dum homem de honra! Crês que eu não te teria amado, eu, de quem tu saístes?

«Agora, ele vai inclinar-se para a frente», pensou Georg, «se ele caísse e se despedaçasse!» Essas palavras passaram-lhe rapidamente pela cabeça.

Um pai que julga e condena o filho à morte; um caixeiro-viajante que acorda transformado num bicho monstruoso; um explorador que testemunha o uso de uma elaborada máquina de tortura na execução de sentenças.

Estes três textos célebres — *A Sentença*, *A Metamorfose* e *Na Colónia Penal* — poderão ser familiares até para quem nunca os leu, ou não fosse Franz Kafka um autor que ao revolucionar a literatura do século XX se tornou universal. São textos escritos, respectivamente, em 1913, 1915 e 1919, que testemunham um autor no auge da sua força expressiva e que levam até às últimas consequências o desespero do homem moderno e a sua solitária condenação a uma existência absurda, e que, segundo a vontade de Kafka, deveriam ter sido coligidos num único volume com o título *Strafen (Punições)* pelas afinidades que apresentam e pelas novas leituras que esse diálogo trinitário pode suscitar. Um projecto que, no entanto, nunca chegou a concretizar.

«Kafka descreveu com um maravilhoso poder imaginativo os futuros campos de concentração, a futura volubilidade da lei, o futuro absolutismo do Estado, as vidas paralisadas, desadequadamente motivadas e confusas de tantas pessoas; tudo surgia como um pesadelo e com a confusão e a inadequação de um pesadelo.»




Bertolt Brecht

«O Dante do século XX.»

W. H. Auden



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896239046



9 789896 239046 >